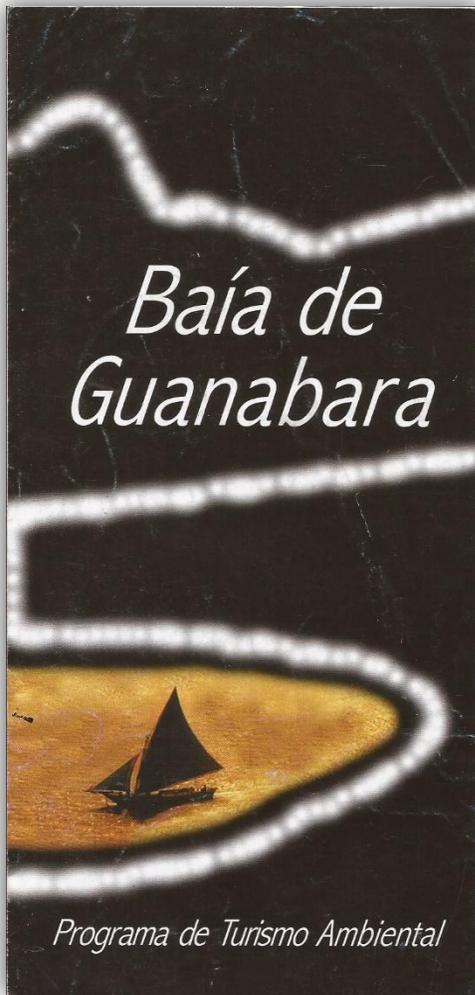


3 - BAÍA DE GUANABARA

FOLHETO DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DO SESC MADUREIRA – AGOSTO 2002.



Este folheto destaca a importância ecológica da Baía de Guanabara, e aporta dados que convidam a defender mais o meio ambiente De Rio de Janeiro.

Origem e Evolução.

Há mais de 300 mil anos, a Baía era um rio, um estuário tão largo que ocupava toda a extensão entre o Pão de Açúcar e a Praia de Jurujuba. As águas que formaram a Baía corriam para outras direções. A drenagem era dirigida, primitivamente, à bacia de Campos. O aparecimento de novas formações mudou o curso dos rios, separando as bacias. O nível do mar, por sua vez, chegou a estar 120 metros abaixo e três a quatro metros acima do nível atual. Todos esses fenômenos produziram o que os cientistas chamam de rio afogado, ou seja, a atual Baía de Guanabara.

Ocupação.

No final do século XVIII, a cidade do Rio de Janeiro contava com 43.376 moradores, a maioria escravos. A Baixada da Guanabara tinha 60 mil habitantes. No início do século seguinte, com a mudança da corte portuguesa para o Brasil, somente o Rio concentrava 60 mil habitantes. Com o início do ciclo do café, surgiram as ferrovias e com elas uma grande transformação no panorama ambiental da Baía.

Urbanização

No meio do século XIX que começa a preocupação com o ecossistema em torno da Baía. Com as constantes secas e os processos erosivos aumentando por causa da intensificação do desmatamento, algumas fazendas foram desapropriadas para o reflorestamento. Em 1897 a primeira favela se forma, no Morro da Providência. Os barracos multiplicaram-se pelas colinas do Centro e na encosta dos maciços que circundam a cidade. O desmatamento para a construção de barracos também afetou as nascentes de água potável. Lixo e dejetos produzidos pela população favelada, levados pelas chuvas, passaram a ter a Baía como destino final. A qualidade do meio ambiente, tanto no interior de Baía como nas bacias dos rios que nela deságuam, é o resultado de evolução desse processo de ocupação, principalmente do que ocorreu nos últimos 30 anos, processo este profundamente condicionado pelas características econômicas e sociais de um país em desenvolvimento.

Situação Ambiental Atual.

A Baía de Guanabara não é um acidente geográfico autónomo. Além de precisar do mar, é o corpo receptor final de todos os efluentes líquidos gerados nas suas margens e nas bacias dos 55 rios e riachos que alimentam. A bacia que drena a Baía de Guanabara tem 4000 kmm². Esta região abriga cerca de dez milhões de habitantes, o equivalente a 80 % da população do Estado.



CAUSAS DE DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

Destruição dos manguezais

Dos 260 km. Originalmente cobertos por manguezais na Baía de Guanabara, restam apenas 82 km². A destruição causa a redução da capacidade de reprodução das diversas espécies da vida aquática e intensifica o processo de assoreamento que, ao longo do tempo, resulta na progressiva redução da profundidade da Baía.

Aterros.

A superfície original da Baía sofreu uma redução de 30 %, devido aos aterros destinados a novas áreas de urbanização. Das 188 ilhas que existiram em 1500, só restam 127. Tais interferências causam sérias alterações no sistema de circulação de águas, reduzindo a capacidade de autodepuração da Baía e causando danos à vida aquática.

Acidentes Ambientais.

Ocorreu em 2000 um vazamento de 1,3 milhão de litros de óleo na Baía, causando grandes danos aos manguezais, praias e à população em geral.

Deficiência do Sistema de Saneamento Básico.

A falta de tratamento dos esgotos sanitários é a principal fonte de poluição da Baía. Os efluentes sanitários chegam in natura à Baía, receptor natural de todos os rios, canais e galerias.

Desmatamento.

No período 1995/97, verificou-se uma redução nas áreas florestadas do Estado, equivalente a um campo de futebol por dia. Apareceram somente nas bordas do Parque Nacional da Tijuca, encostas e as enxurradas, causando assoreamento e obstrução dos rios com lama e lixo. As calhas, assim obstruídas, provocam inundações de áreas urbanizadas.

- Área: 412 km²
- Área de contorno: 143 km
- Volume de água: 2 bilhões de m³
- Largura máxima: 20 km
- Largura mínima: 2 km
- Extensão: 28 km
- Profundidade média: 8 m
- Profundidade no vão: até 60 m
- Profundidade na entrada: 43 m
- Profundidade no meio: 18 m
- Profundidade no final: 4 m
- Ilhas da Baía: 43
- Praias formadas: 48
- Área de mangues: 45 km²
- População: 8 milhões
- Indústrias: 6 mil
- Estaleiros: 13
- Pesca: 12 toneladas diárias
- Terminais de petróleo: 15
- Despejo de lixo: 5 mil toneladas diárias
- Esgoto *in natura*: 300 toneladas diárias
- Esgoto tratado: 100 toneladas diárias
- Despejo de óleo: 8 toneladas diárias
- Municípios banhados: 20
- Rios: 35



Fonte: [Paquetá Net](#)

DO LIVRO “GEONOMÁSTICOS CARIOCAS DE ORIGEM INDÍGENA”.

J. Romão da Silva - (1962)

GUANABARA. Corr. *goanã-pará* ou *guanã-mbará*. Sign. “lagamar”, ou, como traduziu Batista Caetano, “seio semelhante ao mar”,

Era a denominação dada pelo gentio à parte do litoral do Rio de Janeiro, cujos limites são hoje medidos do morro São João à foz do rio Mirití (q.v.), subentendida a maravilhosa baía pontilhada de ilhas e monólitos porfiróides, aconchegada entre a vertente meridional e abrupta da Serra do Mar e os pequenos maciços que rodeiam a costa.

Teodoro Sampaio, levando em conta que o vocábulo foi transmitido pela primeira vez pelos franceses povoadores da França Antártica, é de parecer que o mais correto do ponto de vista prosódico é *Guanabará*. E a propósito argumenta: “A palavra não é senão o composto de dois termos tupis: *guanã-bará*, que é o mesmo que *goanã-pará*, tendo-se-lheabrandado o *p* para *b*, por estar preterido de uma sílaba nasal. Quanto ao sentido, a palavra comporta perfeitamente aquele que lhe deu o autor de *Apontamentos sobre o Abanheênga*, visto que a tradução dos étimos que nela se aglutinam é esta, exatamente *goa* – “seio, bacia”; *nã* – “semelhante”; *pará* – “mar”.

Guanabara ou *goanãpará*, se teria chamado também rio que se supõe ter existido na baía, o qual, na opinião do Professor Ruellan se transformou numa ria semelhante as da costa da Península Ibérica e da Inglaterra. Desse rio, ou suposto rio, cuja desembocadura se diz ter sido descoberta em janeiro, veio o nome da antiga capital brasileira, emprestado também ao território fluminense.

Foi também o antigo nome da atual rua Pinheiro Machado, donde chamar-se assim o Palácio onde funciona a chefia do Poder Executivo do Estado.

